



AUTOPREDICAÇÃO E A IDEIA DE BEM NA REPÚBLICA DE PLATÃO

SELF-PREDICATION AND THE IDEA OF THE GOOD IN
PLATO'S REPUBLIC

André Luiz Braga da Silva¹
Universidade de São Paulo

¹ Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo (USP).

E-mail: andrebragart@yahoo.com.br.

Lattes: <http://lattes.cnpq.br/8405926877297480>. ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-4140-2570>.



Resumo: No século XX, a partir da análise do Símile do Sol da *República* de Platão, construíram-se muitas interpretações complexas do papel da Ideia de Bem na metafísica platônica. Dentre as interpretações de maior destaque, encontra-se aquela erigida por Gerasimos Santas (1980), cuja originalidade se deve ao fato de ela estar alicerçada sobre um arcabouço conceitual desenvolvido por especialistas de vertente analítica a partir de uma passagem dos *Tópicos* aristotélicos (Owen, 1968; Keyt, 1969 & 1971; Vlastos, 1965 & 1972; etc.). Com base nessa passagem, esses estudiosos identificam uma distinção de atributos das Ideias platônicas, a qual é utilizada por Santas para definir o papel da Ideia de Bem como “a Ideia das Ideias”, i a Ideia que é a causa de as outras Ideias serem Ideias. O presente artigo avalia os pressupostos da interpretação de Santas da Ideia de Bem, defendendo, à luz dos estudos de Vlastos, sua incompatibilidade com o texto dos diálogos.

Palavras-chave: Ideia. Bem. Autopredicação. República. Platão.

Abstract: In the 20th century, many complex interpretations of the role of the Idea of the Good in Platonic metaphysics were constructed on the basis of an analysis of the Simile of the Sun in Plato's *Republic*. Among the most prominent interpretations is that developed by Gerasimos Santas (1980), whose originality lies in the fact that it is founded on a conceptual framework developed by analytic scholars based on a passage from Aristotle's *Topics* (Owen, 1968; Keyt, 1969 & 1971; Vlastos, 1965 & 1972; etc.). Based on this passage, these scholars identify a distinction of attributes of Platonic Ideas, which Santas uses to define the role of the Idea of the Good as the ‘Idea of Ideas’, *i.e.* the Idea that is the cause of the other Ideas being Ideas. This article evaluates the assumptions underlying Santas' interpretation of the Idea of the Good, and, in the light of Vlastos' studies, argues for its incompatibility with the text of the dialogues.

Keywords: Idea. Good. Self-predication. Republic. Plato.

Nosso problema e nosso objetivo

No passo 508a4-509c4 do Livro VI da *República* de Platão, o personagem Sócrates expõe o célebre símile ou imagem do Sol, a qual recebera várias denominações na literatura secundária: “metáfora solar” (Vegetti, 2003a, p. 14, 22, 23, 31, 32, etc; 2003b, p. 266, 268, 269, etc.), “símile do Sol e da Ideia de Bem” (Ross, 1953, p. 64; p. 70), primeira parte do “símile da Luz” (Ferguson, 1921, p. 131; Murphy, 1932, p. 93), etc. A estrutura básica dessa imagem é resumida pelo personagem nos termos pertencentes a uma correspondência ou proporção matemática²: *o Bem³ é, na região noética, em relação ao intelecto (νοῦς) e às coisas noéticas, o mesmo que o sol é, na região visível, em relação à visão e às coisas vistas (R. 508c1-2)*. Diante de uma solicitação de Glauco (508c3), Sócrates explica o sentido dessa estrutura analógica, apontando, separadamente, duas relações que a Forma do Bem, dentro desse *framework*, mantém com as outras Formas: causalidade “epistêmica” (R. 508c3-509a9) e causalidade “ontológica” (509a9-509b10). Esta última é explanada nos seguintes termos, seguida da imediata e peculiar reação do irmão de Platão:

τὸν ἥλιον τοῖς ὀρωμένοις οὐ μόνον οἶμαι τὴν τοῦ ὀρᾶσθαι δύναμιν παρέχειν φήσεις, ἀλλὰ καὶ τὴν γένεσιν καὶ αὔξην καὶ τροφήν, οὐ γένεσιν αὐτὸν ὄντα. [...] καὶ τοῖς γινωσκομένοις τοίνυν μὴ μόνον τὸ γινώσκεισθαι φάναι ὑπὸ τοῦ ἀγαθοῦ παρεῖναι, ἀλλὰ καὶ τὸ εἶναί τε καὶ τὴν οὐσίαν ὑπ’ ἐκείνου αὐτοῖς προσεῖναι [...]
καὶ ὁ Γλαύκων μάλα γελοίως, Ἄπολλον, ἔφη, δαιμονίας ὑπερβολῆς.

[SÓCRATES] [...] quanto às coisas vistas, diz que o Sol não apenas fornece o seu poder de ser visto, mas também a sua geração, seu crescimento e sua nutrição [...]. E, assim, quanto às coisas conhecidas, [...] diz que não apenas o seu ser-conhecido está presente devido ao Bem, mas também que tanto o seu *eínai* quanto sua *ousía*⁴ lhes pertencem devido a ele [...].

E Glauco, de um modo muito ridículo, diz: “Ah, Apolo, mas que exagero extraordinário!” (Platão, *República* VI 509b2-8⁵).

² Cf. “*aná lógon*”: Platão, *R.* 508b13, 509d7-8, 511e2, 534a6. Cf. também Aristóteles, *EN.* 5.3, 1131a31-32; Euclides, *Elementos* V, def. 6. Ver Ferguson, 1921, p. 132, 133, 134, 138, 139; Morrison, 1977, p. 220, n. 11; Adam, 2009, p. 59; Dixsaut, 2000, p. 126.

³ Faço minhas as palavras de Ferrari (2003, p. 287, n. 1), segundo as quais o correto seria traduzir o adjetivo neutro “*tò agathón*” por “o bom”. Entretanto, para manter uma unidade e um diálogo com os estudos acadêmicos sobre o texto, sói referir-se a esta entidade como “o Bem”.

⁴ A tradução dos termos “*eínai*” e “*ousía*” no final símile do Sol (R. 509b2-8) é objeto de não pequena controvérsia entre os estudiosos. Não sendo o presente artigo ocasião para discutir esse ponto, é possível assumir que eles possam ser traduzidos, no trecho, simplesmente como o “ser” e a “essência” das outras Ideias.

⁵ Todas as referências a passagens de diálogos platônicos, salvo determinação em contrário, são referências à *República*. Todas as traduções das obras citadas, salvo disposição em contrário, são minhas.



No início da década de 80 do século XX, um notável e original artigo de Gerasimos Santas (1999) veio se somar aos bons estudos publicados sobre o papel da Ideia de Bem no pensamento de Platão. De incontestável força, esse trabalho será base e referência para comentários posteriores de grandes estudiosos acerca do tema (por exemplo, Vegetti, 2003; Shields, 2011). Como Santas (1999, p. 248) mesmo reconhece, parte da originalidade de sua interpretação está no fato de ela estar alicerçada no rico aparato conceitual construído em análises da ontologia platônica as quais, a partir de uma passagem dos Tópicos aristotélicos, foram tecidas por Gwilym Ellis Lane Owen (1986), David Keyt (1969 & 1971) e Gregory Vlastos (1973a, 1973b, 1973c, 1973d, 1973e, 1973f, 1973g).

Baseada em tais estudos, a hipótese principal de Santas é que há uma “teoria da Forma de Bem em Platão”, a qual, encontrando eco por todos aqueles que ele chama de “diálogos médios”⁶, encontra sua expressão exatamente no livro VI da *República*. Para Santas (1999, p. 249), este livro contém as várias afirmativas que compõem esta “teoria”, das quais o ponto máximo seria exatamente a passagem citada em destaque acima (*R.* 509b2-8). Aos seus olhos, tal passagem mereceria uma maior atenção por parte do intérprete, haja vista sua interpretação ser bem mais difícil do que o resto dessa “teoria”. Tal dificuldade seria até, segundo Santas, dramaticamente confirmada pela relutância do personagem Sócrates em falar sobre o Bem, e pelo tom jocoso de Glauco ao final da exposição. A interpretação que Santas propõe, ou seja, a chamada “teoria da Ideia de Bem”, repousa, conforme informado por ele mesmo (Santas, 1999, pp. 252-256), sobre a assunção de dois pressupostos (os quais serão explicados por mim mais à frente), a saber:

- a) a distinção entre “atributos ideais” e “atributos próprios” das Formas inteligíveis; e
- b) aquilo em que esta distinção está fundamentada, notadamente, a assunção da “autopredicação” para as Formas;

Para fins de análise da posição de Santas, eu vou desdobrar esses seus dois assumidos pressupostos em três assertivas, a saber:

- “*Pressuposto 1*”: a distinção entre “atributos ideais” e “atributos próprios” está sendo levada em conta por Platão à época da composição da *República* como substrato da caracterização das Formas inteligíveis;
- “*Pressuposto 2*”: essa distinção pressupõe, como seu fundamento, a afirmação da autopredicação das Formas;
[logo]
- “*Pressuposto 3*”: Platão, à mesma época, também considerava todas as Formas inteligíveis como seres autopredicáveis.

⁶ Conforme citação mais à frente, na qual Santas identifica os diálogos que têm em mente com a classificação de “médios” (*cf.* Santas, 1999, p. 256, n. 17). Não discutirei aqui os méritos e deméritos dessa classificação.



Como podemos perceber, devido ao Pressuposto 2, o Pressuposto 1 está fundamentado no Pressuposto 3. Nesse sentido, este último, o da assunção da autopredicação, é o mais importante: uma eventual invalidação do mesmo poderá acarretar a invalidação de todos os pressupostos, e, portanto, presumivelmente, uma inteira invalidação da chamada “teoria da Ideia do Bem”. Deste fato Santas dá sinais de estar absolutamente ciente, ao afirmar a total dependência da sua interpretação em relação a este último pressuposto:

A concepção das Formas como paradigmas ou exemplares ideais, autopredicacionais ou autoexemplificativos foi trazida à luz por um número de autores: P. Geach [...], Vlastos [...], J. M. E. Moravcsik [...], R. Smith [...]. A teoria da Forma de Bem que eu estou apresentando *pressupõe* que as Formas são autopredicacionais ou autoexemplificativas durante o período médio de Platão, ao menos na *República*, *Banquete*, *Timeu* e *Fédon* [...] (Santas, 1999, p. 256, n. 17 – grifos meus).

Tendo em mente tal afirmativa deste grande estudioso, meu objetivo é simples e condizente com as dimensões inerentes a um curto artigo: discutir o assumido Pressuposto 3 de Santas, à luz dos estudos de Vlastos mencionados por ele mesmo para fundamentá-lo. Por certo, visto, com isso, questionar a própria validade da interpretação santasiana.

1 Para uma distinção de propriedades das Ideias inteligíveis: Aristóteles, Owen, Keyt e Vlastos

Seja para a assunção da autopredicação (Pressuposto 3), seja para a assunção da distinção de atributos das Formas (Pressuposto 1), o ponto de partida de Santas é o mesmo de outros estudiosos: uma passagem específica dos *Tópicos*, na qual Aristóteles distingue dois tipos de atributos ou predicados das Formas platônicas. Minha análise do Pressuposto 3 começará, portanto, na visita a esta passagem e, em seguida, àquilo que Owen, Keyt e Vlastos dela extraíram.

1.1 A distinção segundo Aristóteles

Ἐπειτ' ἐπιβλέπειν ἐπὶ τὴν ἰδέαν τοῦ κειμένου, ἀνασκευάζοντα μὲν εἰ τῇ ἰδέᾳ μὴ ὑπάρχει, ἢ εἰ μὴ κατὰ τοῦτο καθ' ὃ λέγεται τοῦτο οὐ ἴδιον ἀπεδόθη· οὐ γὰρ ἔσται ἴδιον τὸ κείμενον εἶναι ἴδιον. οἷον ἐπεὶ αὐτοανθρώπων οὐχ ὑπάρχει τὸ ἡρεμεῖν, ἢ ἄνθρωπος ἔστιν, ἀλλ' ἢ ἰδέα, οὐκ ἂν εἴη ἀνθρώπου ἴδιον τὸ ἡρεμεῖν. κατασκευάζοντα δὲ εἰ τῇ ἰδέᾳ ὑπάρχει, καὶ κατὰ τοῦτο ὑπάρχει, ἢ λέγεται κατ' αὐτοῦ ἐκεῖνο οὐ κεῖται μὴ εἶναι ἴδιον· ἔσται γὰρ ἴδιον τὸ κείμενον μὴ εἶναι ἴδιον. οἷον ἐπεὶ ὑπάρχει τῷ αὐτοζῳῶ τὸ ἐκ ψυχῆς καὶ σώματος συγκεῖσθαι, καὶ ἢ



ζῶον αὐτῷ ὑπάρχει τοῦτο, εἴη ἂν ζῶου ἴδιον τὸ ἐκ ψυχῆς καὶ σώματος συγκεῖσθαι.

Considere-se [...] a ideia do sujeito proposto e veja-se, para fins de refutação, se a propriedade sugerida não pertence à ideia em questão, ou se deixa de pertencer-lhe devido àquela característica que lhe vale a descrição de que se enunciou a propriedade⁷: pois, nesse caso, o que se afirmou ser uma propriedade não será tal. Assim, por exemplo, como o “estar em repouso” não pertence a Homem em Si *com relação ao fato de ser homem, mas com relação ao fato de [ser] ideia*, não seria propriedade de homem o “estar em repouso”.

Para fins construtivos, por outro lado, veja-se se a propriedade em questão pertence à ideia, e se lhe pertence com relação àquele aspecto devido ao qual se predica dele aquela característica de que se afirmou que o predicado em questão não era uma propriedade: pois, nesse caso, o que se negou que fosse uma propriedade será uma propriedade. Assim, por exemplo, como pertence a Animal em Si o “ser composto de alma e corpo”, e isto pertence a ele *com relação ao fato de [ser] animal*, o “ser composto de alma e corpo” seria propriedade de animal (Aristóteles, 137b3-13⁸, grifos meus).

1.2 A “autopredicação”; a distinção segundo Owen

Debruçando-se sobre esta passagem aristotélica, G. E. L. Owen (1986, p. 225) explica que há, nela, pelo menos duas informações fundamentais. A primeira é a diferenciação entre dois tipos de propriedades identificáveis numa Forma platônica. A segunda é a afirmação do Estagirita de que as Formas são *autopredicáveis* ou *autoexemplificativas* (Owen, 1986, p. 225; p. 232; p. 236; p. 237; cf. também Cherniss, 1946, pp. 1-5).

Pode ser de alguma utilidade definir a característica da “autopredicação” ou “autoexemplificação” das Formas inteligíveis. “Autopredicação” é, para alguns estudiosos (mencionados abaixo), uma característica pertencente às Formas, segundo a qual cada Forma ou Ideia não é apenas o correspondente inteligível de determinada qualidade, mas que, efetiva e literalmente, a própria Forma é uma “instância” da qualidade a que ela corresponde. Dito de outro modo, dizer que a Ideia é “autopredicável” significa dizer que ela “exemplifica” ou “possui” a qualidade ou predicado da qual ela é o correspondente inteligível. Em termos gerais, a *Forma de F* seria ela também um *ente F*. Por exemplo, a Forma de Justiça seria ela mesma uma coisa justa, e a Forma de Cavalo seria ela mesma um cavalo. Conforme visto no exemplo dado por Aristóteles no trecho citado acima, a Forma de Homem seria ela mesma também um homem, e a Forma de Animal seria também um animal.

⁷ Para a variação nos manuscritos com relação a *κατὰ τοῦτο κτλ.*, ver a nota de Brunschwig *ad. loc.* (in Aristote, 2007, p. 192).

⁸ ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução de L. Vallandro e G. Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973 – com modificações.

No que tange à primeira informação reconhecida por Owen na passagem, a distinção de predicados, o estudioso assim nomeia os dois tipos de atributos da Forma identificados por Aristóteles:

- “*Predicados A*”: propriedades da Forma de F devido ao seu *status* de Forma, isto é, propriedades comuns a todas as Formas: propriedade da Forma de F *qua* Forma (*tò ídion hyparchei tēi idéai tou F hēi idéa estin*). Exemplos de “Predicado A” para a Forma de Homem: as propriedades “estar em repouso”, “ser eterno”, “ser imutável”, “ser invisível”, etc.
- “*Predicados B2*”: propriedades da Forma de F que *definem* a Forma específica que ela é: propriedade da Forma de F *qua* F (*tò ídion hyparchei tēi idéai tou F hēi F estin*). Exemplo de “Predicado B2” para a Forma de Homem: a propriedade “ser mortal”.

1.3 A distinção segundo Keyt

À mesma época de Owen, D. Keyt visita essa distinção de propriedades em dois artigos (Keyt, 1969 & 1971). Embora exiba termos diferentes e definições um pouco mais refinadas, a compreensão da Keyt dos dois tipos de atributos é basicamente a mesma de Owen, como se verá abaixo. Segundo Keyt (1969, pp. 12-13), os dois tipos de atributos da Forma platônica são:

- “*Atributos Ideais* ou *Formais*”: aqueles atributos de uma Forma cuja ausência de algo enseja que este algo não seja uma Ideia platônica. Exemplos de “Atributos Ideais” para a Forma de Animal: as propriedades “eternidade” e “imutabilidade”. Ou seja, se um dado ente não for eterno e imutável, ele não pode ser considerado como uma Forma platônica;
- “*Atributos Próprios*”: aqueles atributos de uma Forma cuja ausência de algo enseja que este algo não seja uma instância de uma dada Forma. Exemplos de “Atributos Próprios” para a Forma de Animal: a propriedade de “ser composto de alma e corpo”. Ou seja, se um dado ente não for composto de alma e corpo, ele não pode ser considerado como uma instância da Forma de Animal.

1.4 A distinção segundo Vlastos

De todos os comentadores em que Santas procura basear seus Pressupostos 1 e 3, G. Vlastos sem dúvida foi o que empreendeu as análises mais profundas e, a meu ver, mais lúcidas sobre a matéria. Sua sequência de artigos (Vlastos, 1973a, 1973b, 1973c, 1973d, 1973e, 1973f & 1973g) é hoje considerada referencial na análise da ontologia platônica, seja para concordância, seja para discordância. Vlastos não apresenta termos novos para a distinção traçada por Aristóteles entre os atributos de uma Forma platônica⁹, apenas lhe colocando a alcunha de “*Distinção-P*” (Vlastos, 1973g,

⁹ Embora ele estabeleça importantes conceitos e termos novos sobre assuntos correlatos, como “Predicação Paulina”, tema no qual será impossível adentrar no presente texto. Tal conceito encontra-se explicado nos artigos desse estudioso, p. ex. Vlastos, 1973e.



p. 327). Todavia, quiçá pelo rigor e extensão de suas análises, ele é o especialista em quem Santas mais procurará basear seu Pressuposto 3.

Por esta razão, e devido às limitadas dimensões de um artigo, dos estudiosos nos quais Santas fundamenta sua posição, Vlastos será o único com o qual eu confrontarei o pressuposto santasiano¹⁰. Nesse confronto, como veremos, o que causa espécie é o fato de que, nos artigos de Vlastos mencionados por Santas, as posições de ambos os estudiosos parecem ser, em razoável medida, um tanto quanto diferentes.

1.5 A distinção segundo Santas

Abordando o tema anos depois, Santas (1999) simplesmente se valerá, no que tange ao vocabulário, dos mesmos termos empregados por Keyt. A originalidade de sua interpretação da *República*, contudo, reside no fato de que, apropriando-se desses conceitos estabelecidos pelos estudiosos a partir do texto aristotélico, Santas entende que aquilo que a Ideia de Bem causa às outras Ideias, nomeadamente, aquilo que é referido pelos termos “*eînai*” e “*ousía*” no símile do Sol (*R.* 509b2-8, citado acima), diz respeito precisamente aos chamados “*Atributos Ideais* ou *Formais*”, i.e. aquelas características que a Forma possui enquanto Forma, e que a diferenciam de suas instâncias sensíveis. Têm-se em vista, assim, atributos tais como eternidade, inteligibilidade, imutabilidade, etc.

Nesse sentido, dentro de um conjunto de assertivas que Santas entende ser uma “teoria da Forma de Bem em Platão”, o Bem seria algo como a *Ideia das Ideias*, uma *metaideia*, ou seja, a entidade responsável pelo próprio fato de as outras Ideias serem Ideias. Aos olhos do estudioso, os entes sensíveis são belos porque participam na Ideia do Belo, mas a própria Ideia do Belo seria uma Ideia devido ao fato de participar na Ideia de Bem, dado que é devido a essa participação que ela possui os seus “atributos ideais”. Tal é, em apertada síntese, o núcleo da interpretação santasiana.

1.6 Tabela de correspondência de terminologia entre os estudiosos

Como visto acima, os especialistas abordados empregaram termos um tanto quanto diferentes para os conceitos que, oriundos do texto de Aristóteles, são utilizados no tratamento do tema. Para

¹⁰ Como visto na citação mais acima (Santas, 1999, p. 256, n. 17), não obstante o fato de Santas procurar sedimentar seu pressuposto também em artigos de outros estudiosos, Vlastos é considerado o mais importante na análise do tema.

facilitar minha referência, e porque meu interlocutor principal é Gerasimos Santas, empregarei os termos utilizados por ele, conforme a seguinte tabela de correspondência da terminologia¹¹:

Tabela 1 - *Correspondência da nomenclatura dos comentadores em relação às propriedades das formas*

| ARISTÓTELES | OWEN | KEYT | VLASTOS | SANTAS |
|------------------------------------|---------------|-----------------------------|-------------|-----------------------------|
| Predicados da Forma de X qua X | Predicados A | Atributos Próprios | - | Atributos Próprios |
| Predicados da Forma de X qua Forma | Predicados B2 | Atributos Ideais ou Formais | - | Atributos Ideais ou Formais |
| - | - | - | Distinção-P | - |

fonte: própria autoria

2 As duas perspectivas de abordagem da Ideia platônica segundo Vlastos

Como notado por Santas e todos os outros estudiosos aludidos acima, a distinção dos atributos ou predicados das Ideias, *i. e.* a Distinção-P, foi traçada por Aristóteles partindo da pressuposição de que as Formas ou Ideias platônicas são dotadas de autopredicação¹². Nesse sentido, a descrição básica dos “Atributos Próprios”, utilizada por Owen, Keyt, Vlastos e Santas, a partir do texto dos *Tópicos*, era “*as propriedades da Forma de F enquanto F*”. Ratificando, nessa perspectiva, a Forma de Mesa seria, literalmente, ela mesma, uma mesa, e a Forma de Piedade seria, literalmente, ela mesma, uma coisa pia.

Atento a este aspecto, e avançando num sentido mais radical do que seus pares, é notável que Vlastos tenha se demorado sobre uma *questão anterior* à utilização destes conceitos para análise da ontologia platônica, a saber: *seriam estes conceitos mesmos aceitáveis para Platão? Os Atributos Próprios, conforme as definições supra fornecidas, a própria Distinção-P, e a autopredicação, poderiam ser assumidos por Platão como propriedades e fenômenos implicados na postulação das suas Formas inteligíveis?*¹³ Ou, traduzindo nos termos empregados no presente artigo: *o Pressuposto 3 de Santas é compatível com as afirmações sobre as Ideias encontradas nos diálogos levados em conta por ele?*

¹¹ Santas (1999, pp. 259-260) estabelece a mesma correspondência de termos.

¹² Cf. também Aristóteles, *EN*. 1.6 1096a34-b5: “[...] pode-se perguntar o que afinal eles [sc. os que afirmam a existência das Formas inteligíveis] querem dizer com “cada coisa em si”, se afinal tanto para Homem em Si como para homem [em particular] a definição é a mesma: a de homem. Pois, com relação ao fato de [ser] homem, eles [sc. a Forma de homem e o homem particular] diferem em nada [...]”.

¹³ Ao colocar a questão nestes termos, eu gostaria de frisar que a mim, ao contrário de alguns estudiosos (Cherniss, 1946; Vlastos, 1973b; Owen, 1986), não é tão importante o problema de se Platão, ele próprio, expressou em alguma das suas obras, abertamente, a Distinção-P. Para os fins da argumentação deste meu texto, é suficiente a pergunta se tais conceitos lhe seriam aceitáveis, ou seja, se eles estão em harmonia com aquilo que lemos nos diálogos.



Em três artigos referidos por Santas (Vlastos, 1973a; 1973b; 1973e), a posição de Vlastos, importa reconhecer, é a mesma, embora o foco da sua argumentação difira um pouco. Nesse sentido, os argumentos dele em um e em outro *papers* são mutuamente complementares, de modo que eu tomo isto como autorização para expô-los na ordem que parece esclarecê-los melhor.

O ponto de partida de Vlastos (1973a, pp. 43-45), são algumas expressões “fortes”¹⁴ de Platão para qualificar as Formas e diferenciá-las das instâncias sensíveis. Por exemplo, Vlastos chama atenção para o fato de ouvirmos dizer, nos diálogos, que uma Forma ou Ideia é:

- i) *tò ón* (R. 597a4);
- ii) *hó ésti klíne* (R. 597a2);
- iii) *teléos ón* (R. 597a2);
- iv) *hē [...] ousía óntos oúsa* (Phdr. 247c6-7);
- v) [sc. *hē klíne*] *óntos oúsa* (R. 597d2);
- vi) *mállón ónta* [sc. do que as instâncias sensíveis] (R. 515d2).

O estudioso demonstra que o sentido do verbo *eimí* nessas expressões – incluindo a forma substantiva e a adverbial, *ousía* e *óntos* – não pode ser o sentido existencial, mas sim o sentido de “real”. A instância sensível existe também, conforme expressamente afirmado em R. VI 507a7-b4, porém a existência dela é qualitativamente diferente da eidética¹⁵: a Forma é “mais real” que a instância sensível, a Forma “realmente é”, a instância sensível, não. Vlastos conclui, então, que os sentidos das seis expressões “fortes” listadas acima não poderiam estar relacionados à afirmação da existência para as Ideias, e sua negação para as instâncias sensíveis. Em absoluto. Aos olhos de Vlastos, o que estaria sendo dito nas expressões acima é que, comparativamente à instância sensível, a Ideia é:

- i) “o real”;
- ii) “a cama real” ou “aquilo que realmente é cama”;
- iii) “o perfeitamente real”;
- iv) & v) “a realidade perfeitamente real”;
- vi) a Forma é “mais real” do que a instância sensível.

A partir deste entendimento, o estudioso vai tentar precisar o sentido dessa noção recorrente de “mais realidade”, *i.e.* essa *qualificação da existência* que a Forma recebe e a instância sensível não, e que seria, portanto, para Platão, o núcleo da diferença ontológica entre ambas. Para tanto, Vlastos (1973a, p. 49) identificará duas funções que às Formas são atribuídas no *corpus platonicum*:

- a) a função de objeto de conhecimento;
- b) a função de objeto de valor;

¹⁴ Quem qualifica as expressões como “fortes” é o próprio Vlastos (1973b, pp. 68-69, n. 44).

¹⁵ Eidético, *i.e.* relativo, ao *eídōs*, a Forma ou Ideia inteligível.



Essas duas funções são como *duas perspectivas diferentes*, embora não desconectadas, em que a Forma platônica pode ser encarada, e as duas encontram fundamentação nos textos dos diálogos. Na primeira perspectiva, a *epistemológica*, a Forma de F, “o F real”, é “o F cognitivamente confiável”, *i.e.* “seguro”, “não enganador” (Vlastos, 1973a, p. 49). Neste sentido, para Vlastos, a Forma é o único tipo de entidade no pensamento de Platão capaz de dar ocasião para um “conhecimento infalível” (*epistémé*) de F (Vlastos, 1973b, pp. 62-63). Aos olhos do estudioso, essa completa confiabilidade da Forma advém de que suas características se seguem de sua natureza em conjunção e articulação com a natureza das outras Formas (Vlastos, 1973a, p. 50), envolvendo, portanto, um conjunto de propriedades necessárias, que se “prendem” à Forma por “amarras” essenciais ou “lógicas” (Vlastos, 1973b, pp. 68-69)¹⁶.

Não obstante, Vlastos informa que há uma outra função que as Formas desempenham nos diálogos. Uma função que, provavelmente, nem todo tipo de Forma poderia desempenhar, e que Vlastos identifica em relação ao que ele chama – em tom provocativo? – de Ideias “de elite”: Beleza, Bondade, Justiça, Temperança, e Piedade (Vlastos, 1973a, p. 51). Nessa outra perspectiva, a Forma é objeto mais valioso, o foco final de nossos ulteriores desejos e aspirações. O valor supremo deste tipo de entidade é marcadamente assinalado na caracterização que é feita da experiência do contato com elas: segundo Vlastos, tal experiência é descrita como não só intelectual e profunda, mas também de um deleite estético avassalador, moralmente transformadora, divina, que se assemelha ao transe místico das religiões de mistério (Vlastos, 1973a, pp. 52-53). Portanto, dessa outra função, emerge um segundo sentido para o fato de as Formas serem diferentes e dotadas de “mais realidade” que as instâncias sensíveis: elas são os “pontos focais da mais incomum experiência” possível na vida, e, como tais, elas são o objeto máximo de desejo. A Forma é, nessa perspectiva, encarada mesmo como a coisa mais amada (Vlastos, 1973a, p. 53; 1973b, pp. 63-64).

3 A autopredicação e as duas perspectivas

Ex positis, cabível é questionar se haveria alguma consequência da identificação dessas duas funções ou perspectivas de abordagem em que é possível investigar uma Forma platônica, para a assunção ou não do fenômeno da autopredicação (o Pressuposto 3 de Santas). A resposta, segundo

¹⁶ Importante frisar que o presente artigo não é ocasião para entrar no mérito de se esta terminologia “lógica” ou “linguística” é, ou não, a mais apropriada para o tratamento dos entes inteligíveis platônicos. Meu objetivo aqui é tão somente avaliar a legitimidade do uso de Santas da posição de Vlastos para fundamentar o Pressuposto 3 de sua interpretação da Ideia de Bem.



Vlastos, seria: com toda a certeza. Para desempenhar sua função de “objeto de conhecimento *par excellence*”, “objeto cognitivamente confiável”, *as Formas não poderiam ser, como regra geral*¹⁷, *autopredicativas*, ou a chamada Teoria das Ideias em si não faria nenhum sentido. Para desempenhar essa função de fundamento epistemológico, a Forma precisa apresentar algumas características que a distingam das instâncias sensíveis, fazendo delas seres fora da dinâmica de geração e corrupção, fora do devir. Para tanto, a Forma ou Ideia precisa ser incorpórea, eterna, intangível, imortal, etc. Por conseguinte, uma Ideia necessariamente é uma entidade incapaz de qualquer forma de vida ou de tomar qualquer decisão e realizar escolhas. Assumido isso, que sentido poderia haver em dizer, então, que uma Forma é ela mesma “corajosa” (para o caso da Forma de Coragem)? Ou em dizer que uma Forma é ela mesma um “artefato de defesa” (para o caso da Forma de Escudo)? Ou em dizer que alguma Forma possui alma e corpo (para o caso da Forma de Animal)? Ou mesmo em dizer que um ente inteligível, sem corpo, “intangível” e “sem formato” (*anaphês, aschemátistos*: ver *Phdr.* 247c6-7), é ele mesmo “retangular” (no caso da Ideia de Retângulo)?

Através de exemplos desse tipo¹⁸, Vlastos (1973a) demonstra que, em sendo o objeto absolutamente estável, que dá ensejo ao único conhecimento verdadeiro e seguro segundo a epistemologia apresentada nos diálogos, a Ideia platônica tem que exibir alguns atributos com os quais a assunção de autopredicação, como uma regra geral, se mostraria absolutamente incompatível. E disso, sou obrigado a reconhecer, Santas mostra que está inteiramente a par¹⁹!

Por outro lado, no eventual desempenho da segunda função que Platão atribui a *algumas* Formas, Vlastos considera que a assunção de autopredicação... pode ser encarada em termos bem diferentes:

[...] Apenas quando as Formas assumem seu outro papel, como objetos de valor, e do tipo de valor que Platão reclama para elas, *iría a autocaracterização das Formas como*

¹⁷ É preciso ter em mente a diferença exegética, nos estudos platônicos, entre assumir a existência de *casos casuais* de autopredicação (posição de Vlastos nos artigos mencionados, que eu assumo) e assumir a autopredicação como uma regra geral para todas as Formas (posição de Santas). Isto porque existe a possibilidade de ocorrências de autopredicação para algumas Formas mesmo na perspectiva do papel das Formas como fundamento epistemológico. Contudo, isso *não seria uma regra geral aplicável a todas elas*, mas antes, ocorrências casuais para aquelas Formas que são os correspondentes inteligíveis das qualidades que todas as Formas exibem enquanto Formas. Assim, por exemplo, a Forma de Repouso, em sendo uma Forma inteligível, imutável, eterna, imóvel, está obviamente “em repouso”. E, fora do contexto da fundamentação epistemológica, há também casos igualmente fortuitos e não problemáticos de autopredicação para aquelas Formas que são correspondentes inteligíveis das qualidades que todos os entes, seja Formas seja instâncias sensíveis, possuem. Para essa outra hipótese de ocorrência casual de autopredicação, que também não é uma “regra geral” válida para todas as Formas, temos o exemplo da Forma de Mesmo, que é, ela própria, mesma que si mesma. Para mais detalhes, ver, de minha autoria, os Anexos 5 e 6 em Braga da Silva, 2017.

¹⁸ Shields (2011) também cita alguns exemplos semelhantes.

¹⁹ Santas (1999, p. 264 *et seq.*) reconhece as “falhas” da assunção da autopredicação e da própria “teoria da Ideia de Bem” que ele propõe. Santas, na verdade, entende que, no período do *corpus platonicum* que ele está levando em conta, Platão assumiu a autopredicação como regra para as Formas, bem como esta “teoria”, e que, posteriormente – período, p. ex., do *Sofista* -, teria ele “desistido” de ambas. Ver especialmente Santas, 1999, p. 265, n. 27.



Beleza ter qualquer sentido que seja. A Forma Beleza realmente teria que ser supremamente bela para manter seu lugar no término da árdua busca do amante [sc. conforme *Smp.* 210e-211b], e as Formas Justiça e Temperança iriam ter que ser justa e temperante, se é para elas possuírem atributos que passam para aqueles que as contemplam [sc. conforme *R.* 500c] (Vlastos, 1973a, pp. 56-57 – grifos meus).

Certamente que o tipo de Forma ao qual esta segunda função será reclamada não será qualquer tipo. As tais “Formas de elite”, que desempenham este papel de objeto de valor, parecem ser sobretudo as próprias Ideias de valores, valores ético-estéticos. Platão tende a não abordar através desta perspectiva da função “valorativa” outro tipo de Formas... E Vlastos dá a entender que, dado que ele não poderia mesmo fazê-lo, nós temos que conceder essa “liberdade de manobra” elíptica ao fundador da Academia (Vlastos, 1973a, p. 53). Platão, ousado dizer, provavelmente estava ciente de que a assunção como regra geral para todas as Formas da autopredicação não poderia deixar de arruinar a espinha dorsal da hipótese epistemológica de trabalho que ele apresenta. Esta concessão, frise-se, é minha, não de Vlastos.

Elucubrando, Vlastos chega ainda a arejar que algumas assertivas autopredicativas que possuímos poderiam ser encaradas pelo próprio autor dos diálogos como “metafóricas” (Vlastos, 1973a, p. 57). A isso, por minha vez, eu gostaria de acrescentar que a notável raridade em que as assertivas autopredicativas ocorrem, no resto do *corpus*, em intensidade próxima àquela em que aparecem no *Banquete*, pode servir de sugestão de que, em sua maioria, elas não devem mesmo ser encaradas em sua literalidade.

Sobre este ponto, creio que o próprio Vlastos foi extremamente feliz em mostrar, alhures (Vlastos, 1973e, pp. 259-263), que o contexto próprio da ocorrência em cada diálogo de uma assertiva aparentemente autopredicativa é o melhor juiz para determinar se ela deve ser lida em sua literalidade autopredicativa ou como apenas metafórica²⁰. Por exemplo, quando, na *República* (X 597b5), a Forma de Cama é dita ser uma das três camas (em conjunto com a cama sensível e com a imagem dela), e, no *Timeu* (31b, 39e), é dito que a Forma de Animal é um animal, se tomássemos estas afirmações em suas literalidades autopredicativas, estaríamos a destruir o argumento principal desses dois momentos dessas discussões, que, em linhas gerais, é o mesmo: prover os dois tipos de artesão, o humano (na *República*), e o divino (no *Timeu*), de modelos eternos, inteligíveis, fora da *gênesis* e da mudança

²⁰ Aos meus olhos, este argumento de Vlastos é, inclusive, forte o suficiente para enfraquecer a solução alternativa (que, na verdade, é cronologicamente anterior aos artigos de Vlastos) de R. E. Allen para o problema da autopredicação das Ideias. Este estudioso propôs (Allen, 1967, pp. 43-60) que, nas frases aparentemente autopredicativas do tipo “a Forma de F é F”, o verbo “ser” não tem o sentido de “predicação”, mas sim de “identidade”. Nesse sentido, tais frases demarcariam, antes que uma autêntica autopredicação, uma redundância do tipo “F é F”, já que a Forma de F pode também ser chamada simplesmente de “F” nos diálogos. Segundo o argumento vlastosiano do contexto do momento específico da discussão em que ocorre a assertiva aparentemente autopredicativa, a assunção desta posição de Allen destruiria o argumento do *Banquete* (210e-211b) demarcado acima.

temporal. Portanto, estas duas afirmações de autopredicação precisam ser tomadas como metafóricas, sob pena de arruinar o argumento em que se inserem.

Não obstante, demarca Vlastos (1973e, pp. 259-263), haverá momentos em que o caminho indicado pelo contexto da ocorrência da assertiva aparentemente autopredicativa será inexoravelmente outro: se, em *Smp.* 210e4-211b7, à Forma do Belo for negada uma autopredicação literal, ocorrerá a destruição do argumento principal desse diálogo, que é atribuir a esta Ideia a máxima beleza, e, portanto, a sua já explicada função de objeto mais valioso e mais desejado.

Explanados todos estes aspectos do problema, voltemos a Santas, ao seu “Pressuposto 3”, e à sua “teoria da Ideia de Bem em Platão”.

Considerações finais

Para justificar o uso de seu Pressuposto 3, vimos Santas (1999, p. 256, n. 17) afirmar que a caracterização das Formas como entidades necessariamente autopredicáveis foi trazida à luz, entre outros especialistas, sobretudo por Vlastos. Dado que o Pressuposto 3 é de que esta característica é, na *República* e nos “diálogos do período médio”, uma regra geral para a Teoria das Ideias como um todo, sua tentativa expressa, citada no início de meu texto, de fundamentar sua posição nos trabalhos vlastosianos, implica que, para Santas, o outro especialista compartilharia dessa sua posição²¹.

Entretanto, a partir de toda a exposição aqui realizada, não é possível deixar de ter a impressão de que Santas simplesmente “perdeu o ponto” de toda a complexa argumentação de Vlastos sobre a matéria. Para este, a autopredicação não é e não pode ser, de longe, uma regra geral para a Teoria das Ideias como um todo. A autopredicação seria, antes, um fenômeno específico, que ocorre quando, a uma Forma de um tipo específico, a argumentação de determinado diálogo conclama o exercício de uma segunda função, a saber, a função de objeto de valor. Somente nesses tipos de contexto, com esse tipo de Forma, e nessa perspectiva específica de abordagem delas, é que faria algum sentido falar em *autopredicação eidética*²². Com outro tipo de Formas, ou sob outra perspectiva de abordagem delas, este fenômeno não só não pode fazer sentido, como demoliria toda a hipótese de esses entes inteligíveis serem aquilo que, nos argumentos presentes nos diálogos, frequentemente lhes é exigido ser: os

²¹ Como a argumentação de Santas (1999, pp. 259-262) a favor da autopredicação leva a crer, posto que ele, nesse ponto, não entra na distinção traçada por Vlastos entre as funções atribuídas às Formas, e procura se apoiar muito mais no texto de Aristóteles (*Tópicos* 137b) de que no dos diálogos platônicos. Quando, em outro momento, Santas citar uma passagem de Vlastos (Santas, 1999, p. 265, n. 27), ele dará sinais de que ele está considerando que Vlastos também entende a autopredicação como uma regra geral nos diálogos em questão.

²² Ressalva feita às hipóteses casuais, que não correspondem a uma regra geral de autopredicação, aventadas na nota 17. Para uma análise mais demorada, ver Braga da Silva, 2017, Anexos 5 e 6.

fundamentos onto-epistemológicos da realidade. Nesse sentido, muito menos que regra geral, a autopredicação eidética, aos olhos de Vlastos, se assemelha mais a um fenômeno... de “exceção”.

O que parece, portanto, ter escapado a Santas é que Vlastos mostrou que, de acordo com a perspectiva em que a Forma platônica é abordada em cada momento de cada diálogo, *i.e.* de acordo com a função que a ela é atribuída em cada argumento, *essa entidade pode se comportar como autopredicável*, enquanto *objeto de aspiração e valor*, ou *como impossivelmente autopredicável*, enquanto *objeto de conhecimento seguro*²³. A argumentação de Vlastos opera, assim, num sentido não de fundamentar, mas antes de *ilegitimar a assunção do Pressuposto 3 de Santas*. E, em vista do Pressuposto 2, isso ilegítimaria também o Pressuposto 1.

Dito de outro modo, como regra geral, a autopredicação eidética não pode ser aceita na ontologia platônica. Outrossim, se ela é o fundamento da distinção realizada nos *Tópicos* entre as propriedades ou atributos das Formas, então essa distinção também não pode ser aceita. Tal inaceitabilidade dessa distinção e da autopredicação, cumpre informar, é, de fato, uma outra conclusão a que chega Vlastos em outro artigo (Vlastos, 1973g, pp. 330-334), bem como também Harold Cherniss em seu famoso e exaustivo estudo (Cherniss, 1946, pp. 1-5). A distinção de predicados traçada nos termos aristotélicos seria incompatível com o pensamento platônico, porque ela parte do pressuposto autopredicativo de que Forma de F é um F, o que, como regra geral, seria inaceitável. Se, para o Estagirita (*Tóp.* 137b3-13; *EN.* 1096a34-b5; etc.), Homem em Si é um homem (*cf. hēi ánthropós*), e pode ser dito “mortal”, e Animal em Si é um animal (*cf. hēi zōion*), e pode ser dito como “dotado de alma e corpo”, para Platão, afirmar que uma Ideia inteligível é “mortal”, ou “dotada de corpo e alma”, não poderia fazer nenhum sentido. Para Vlastos e Cherniss, ao traçar a distinção entre atributos das Formas em termos autopredicativos, escapou ao próprio Aristóteles que esta distinção estava ontologicamente muito carregada, carregada com a própria ontologia aristotélica, inaceitável dentro dos parâmetros metafísicos dos diálogos platônicos (Vlastos, 1973g, p. 334)²⁴.

E, muito embora não estivesse alheio aos absurdos a que a assunção da autopredicação conduziria, a Santas também parece ter escapado o mesmo fato. Se ele tivesse tido a oportunidade de indagar diretamente ao próprio Vlastos, este, antes que puramente concordar que, em algum diálogo, “as Formas são autopredicáveis” *tout court*, talvez tivesse lhe dito que, de *algumas Ideias*, e *apenas delas*, podemos dizer, *no máximo*, que possuem algo análogo a uma “*natureza dupla*”, posto que

²³ Importante observar, por oportuno, que a perspectiva autopredicativa seria de extremamente reduzida aplicação, haja vista ela ser limitada a certos tipos de Formas e a certos tipos de contexto. Isso faz com que ela ocorra no *corpus platonicum* de maneira bem mais rarefeita que a perspectiva epistemológica.

²⁴ Para uma distinção dos atributos das Ideias que seja compatível com as lições metafísicas dos diálogos platônicos, e que seja útil para dirimir certos problemas dessas obras, ver Braga da Silva, 2017, capítulo 5 (para a *República*); 2022 (para o *Parmênides*) & (*no prelo*) para o *Sofista*.



apresentam características diferentes *de acordo com a perspectiva em que elas são, a cada vez, analisadas.*

Recebido em: 02/06/2024

Aceito em: 15/10/2024

Publicado em: 28/10/2024



REFERÊNCIAS

- ALLEN, R. E. Participation and Predication in Plato's Middle Dialogues. *In*: ALLEN, R. E. (ed.). *Studies in Plato's Metaphysics*. London: Routledge and Kegan Paul, 1967, pp. 43-60. (1ª. ed. 1960)
- ARISTOTE. *Topiques*. Tome I. Livres 1-4. Trad. J. Brunschwig. Paris: Les Belles Lettres, 1967.
- ARISTOTE. *Topiques*. Tome II. Livres 5-8. Trad. J. Brunschwig. Paris: Les Belles Lettres, 2007.
- ARISTÓTELES. *Tópicos*. Tradução de L. Vallandro e G. Bornheim. São Paulo: Abril Cultural, 1973 (Coleção Os Pensadores).
- ARISTOTLE. *Topics. Books I and VIII*. Transl. by R. Smith. Oxford: Clarendon Press, 2003 (1997).
- ARISTOTLE. *Posterior Analytics. Topica*. Transl. by H. Tredennick and E. S. Forster. Cambridge: Harvard University Press, 1955.
- BRAGA DA SILVA, A. L. *Platão, o Bem, e a fragilidade da jangada humana. Um estudo sobre o Símile do Sol na República*. São Paulo: FFLCH / USP, 2017 (Tese). Disponível em: https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8133/tde-18072017-160906/publico/2017_AndreLuizBragaDaSilva_VCorr.pdf. Acesso em: 05 jun. 2024.
- BRAGA DA SILVA, A. L. The "Ideas as thoughts" hypothesis of Parmenides 132b-c: an historical approach. *In*: BRISSON, L.; RENAULT, O.; MACÉ, A. (Org.). *Plato's Parmenides. Selected Papers of XII Symposium Platonicum*. Baden-Baden: Academia / Nomos Verlag / International Plato Society, 2022, pp. 59-66.
- BRAGA DA SILVA, A. L. Does Plato revise his ontology in Sophist 256a? Notes on the 'being' of the Ideas. *In*: BRISSON, L.; HALPER, E.; PARRY, R. (Org.). *Plato's Sophist. Selected Papers of the XIII Symposium Platonicum*. Baden-Baden: Academia / Nomos Verlag / International Plato Society (no prelo).
- CHERNISS, H. *Aristotle's criticism of Plato and the Academy*. Baltimore: Johns Hopkins Press, 1946. (1ª. ed. 1944)
- FINE, G. (ed.) *Plato. 1, Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1999.
- KEYT, D. "Plato's paradox that the Immutable is Unknowable". *Philosophical Quarterly* 19 (1969), p. 1-14.
- KEYT, D. The mad craftsman of the Timaeus. *Philosophical Review*, v. 80, n. 2, p. 230-235, 1971. Disponível em: <https://www.jstor.org/stable/2184032>. Acesso em: 05 jun. 2024.
- OWEN, G. E. L. Dialectic and Eristic in the treatment of Forms. *In*: OWEN, G. E. L. (ed.). *Aristotle on Dialectic: the Topics. Proceedings of the Third Symposium Aristotelicum*. Oxford: Clarendon Press, 1968, pp. 103-125. [Reeditado em: OWEN, G. E. L.; NUSSBAUM, M. C. (ed.). *Logic, science, and dialectic: collected papers in Greek philosophy*. Ithaca, New York: Cornell University Press, 1986.]
- ROSS, W. D. *Plato's Theory of Ideas*. Oxford: Clarendon Press, 1953. (1ª. ed. 1951)
- SANTAS, G. The Form of the Good in Plato's Republic. *Philosophical Inquiry* (1980). [Reeditado em: ANTON, J. P.; PREUS, A. (ed.) *Essays in Ancient Greek Philosophy* vol. II. Albany: State University of New York Press, 1983; e em FINE, G. (ed.) *Plato. 1, Metaphysics and Epistemology*. Oxford: Oxford University Press, 1999, pp. 247-274.
- SHIELDS, C. Surpassing in Dignity and Power: The Metaphysics of Goodness in Plato's Republic. *In* ANAGNOSTOPOULOS, G. (ed.). *Socratic, Platonic and Aristotelian Studies: Essays in Honor of Gerasimos Santas*. London: Springer Science+Business Media, 2011, pp. 281-296. DOI: http://dx.doi.org/10.1007/978-94-007-1730-5_17.
- VLASTOS, G. A metaphysical paradox. *In*: VLASTOS, G. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 43-57. (1ª. ed. 1965/1966) ["1973a"].
- VLASTOS, G. Degrees of reality. *In*: VLASTOS, G. *Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 58-75. (1ª. ed. 1965) ["1973b"].



- VLASTOS, G.* Reason and Causes in the *Phaedo*. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 76-110. (1^a. ed. 1969) [“1973c”].
- VLASTOS, G.* Self-predication in Plato’s Later Period. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 335-341. (1^a. ed. 1969) [“1973d”].
- VLASTOS, G.* The Unity of Virtues in the *Protagoras*. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 221-265. (1^a. ed. 1972) [“1973e”].
- VLASTOS, G.* An Ambiguity in the *Sophist*. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 270-308. [“1973f”].
- VLASTOS, G.* The “Two-Level Paradoxes” in Aristotle. *In: VLASTOS, G. Platonic Studies*. Princeton: PUP, 1973, pp. 323-334. [“1973g”].